



O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA QUESTÃO DE INCLUSÃO

Autoria: Patricia Teles Alvaro - Decio Nascimento Guimaraes - -

Resumo: O presente trabalho propõe-se a abordar o papel político-social do ensino de língua portuguesa, refletindo sobre a perspectiva teórica adotada nas práticas educacionais. No âmbito escolar, encontramos múltiplas faces da exclusão, sendo o ensino tradicional da língua mais um perpetuador de modelos de exclusão. Citamos pelo menos duas mais centrais: a exclusão do contexto de uso e a exclusão do sujeito, na tese da autonomia da linguagem, que, violentamente, servem ao aniquilamento da subjetividade. Dessa forma, essa visão tradicional alinha-se ao que Morin chama de fragmentação do conhecimento, presente na perspectiva dicotômica saussuriana, perpetradora da tradição cartesiano-dualista. Na contramão dessa perspectiva, encontra-se a Linguística Cognitiva, que ressalta a importância da percepção do sujeito na construção de sentidos. O funcionamento da linguagem realiza-se num processo que se perfaz na dinâmica da interação, em que os sentidos são construídos, em relação às bases de conhecimento de mundo (MCIs- Modelos Cognitivos Idealizados) do sujeito, constituídas, culturalmente, a partir da sua percepção sobre a realidade, o que se chama de Realismo experiencialista. Assim, a realidade externa não pode ser representada objetivamente pela linguagem, mas sim, subjetivamente. Nessa visão conexionista, o aparato perceptual do sujeito integra-se às suas experiências sensório-corporais, ou seja, corpo-mente e emoção-razão integram-se, na chamada tese da corporificação da cognição, compondo a subjetividade imantada à construção de sentidos da língua. Dessa forma, nesse trabalho, propomo-nos a estabelecer uma reflexão acerca dos cenários políticos que sustentam as práticas de ensino, sobre os quais o docente deve estar criticamente consciente, discernindo quando sua práxis está reproduzindo a hegemonia da violência simbólica de conteúdos epistemológicos de exclusão. De modo que, ao contrário disso, possa, ativamente, refazer sua práxis, atuando para a formação de sujeitos que, através da apropriação do funcionamento da língua, posicionam-se, agentivamente, na construção de uma sociedade, plenamente, inclusiva.